

Título: Por onde caminhei

Aluno: João Felipe Soares Ferreira

Matrícula: 2012002875

Curso: Artes Visuais – Habilitação em Pintura

joaoferreiraart@gmail.com

Orientador: Professora Marcos Hill

Data da defesa: 21 de novembro de 2017



JOÃO FELIPE SOARES FERREIRA

Por onde caminhei

De 9 de novembro a 21 de novembro, 2017
Galeria de Arte da Escola de Belas Artes da UFMG

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título em Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação em Pintura

Orientador: Professor Marcos Hill

Escola de Belas Artes da UFMG
Belo Horizonte
2017

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus, que me deu energia, saúde e benefícios para concluir este trabalho.

Agradeço à toda a minha família, especialmente a minha mãe, Helena Ferreira e às minha tias, Madalena Ferreira, Lourdinha Ferreira e Glorinha Ferreira por todo apoio, carinho e orações.

Aos meus colegas e amigos que estiveram sempre presentes e me apoiaram em todos os momentos. Mell Xavier, Rodrigo Marques, Wagner Túlio, Maddi Saray, Murilo Araujo, César Augusto, Erik Ordanve, Rogério Rodrigues, Alan Fontes, Angelo Dias, Vitor Novato Delahousse, Laureline Novato Delahousse, Mylena Rodriguez, Clara Bicalho, Daniel Mello, Polly Fernandes, Bráulio Gregório, Maria Clara Tôres, Lorena Martins, Dêrik Lucan, Lucas Dias, Maria Laura Mac Adden, Gabriel Lavarini, Marco Chagas, João Gabriel, Yessica Paola, Nubia Maria, Gabriel Rodrigues, Fernando Siqueira, Siça Santos, Pedro Lorenzetti, Bruno Drumond, Clarkson Alexandre, Felipe Magrão, Daniel de Carvalho, Lindolfo Malheiros, Eduardo Aragão, Pedro Barroca, Rafael Trabasso, Marilene Alves, Thais Matias, Cássio Ferreira, Marcio Venicio, Lucas Ero, Melissa Lattien, Laís Renóbio, Gabriela Lemos, Carolina Maria Marques, Daniel Grünmann, Mariana Cabral, Leonardo Ribeiro, Mônica França Dias, Vanessa Santos, Yanaki Daneshvari, Thayana Aquino, Carlos Henrique, Lílian Brandão, Randolpho Lamonier, Val Armaneli, Raylander Mártis dos Anjos, Tatiana Santos, Rayza Orlando, Miria Moraes, e tantos outros. Levarei vocês no coração , pois cada gesto, grande ou imperceptível, foram de fundamental importância na minha trajetória.

A esta universidade, todo seu corpo administrativo e a todos os meus mestres, especialmente meu orientador, Marcos Hill, Eugênio Paccelli, Cristiano Bickel, Adolfo Cifuentes, Giovanna Martins, Mário Azevedo, Mário Zavagli, Andrea Ianna, José Lara, Christiana Quady, Lincoln Volpini, Karin Birgit Bottger e João Cristeli, por todo o suporte, iluminações e por oportunizarem a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

É à Minha Avó, Anália Soares Ferreira (*in memoriam*), sei que em seu lugar olha por mim.

A todos vocês, muito obrigado.

Índice:

Apresentação Por onde caminhei	6
Texto crítico Raylander Mártis	8
Texto curatorial Marcos Hill	10
Mapa expográfico	12
Sala de entrada O início do devir	15
Primeira ala à direita Dominio e rigor técnico	25
Segunda ala à direita Euforia, narcisismo, morbidez	35
Primeira ala à esquerda Leveze, súplica e alívio	43
Desfecho Amor, transmutações e futuro	53
Conclusão Resgate da autoestima	64
Currículo resumido	66

Por onde caminhei

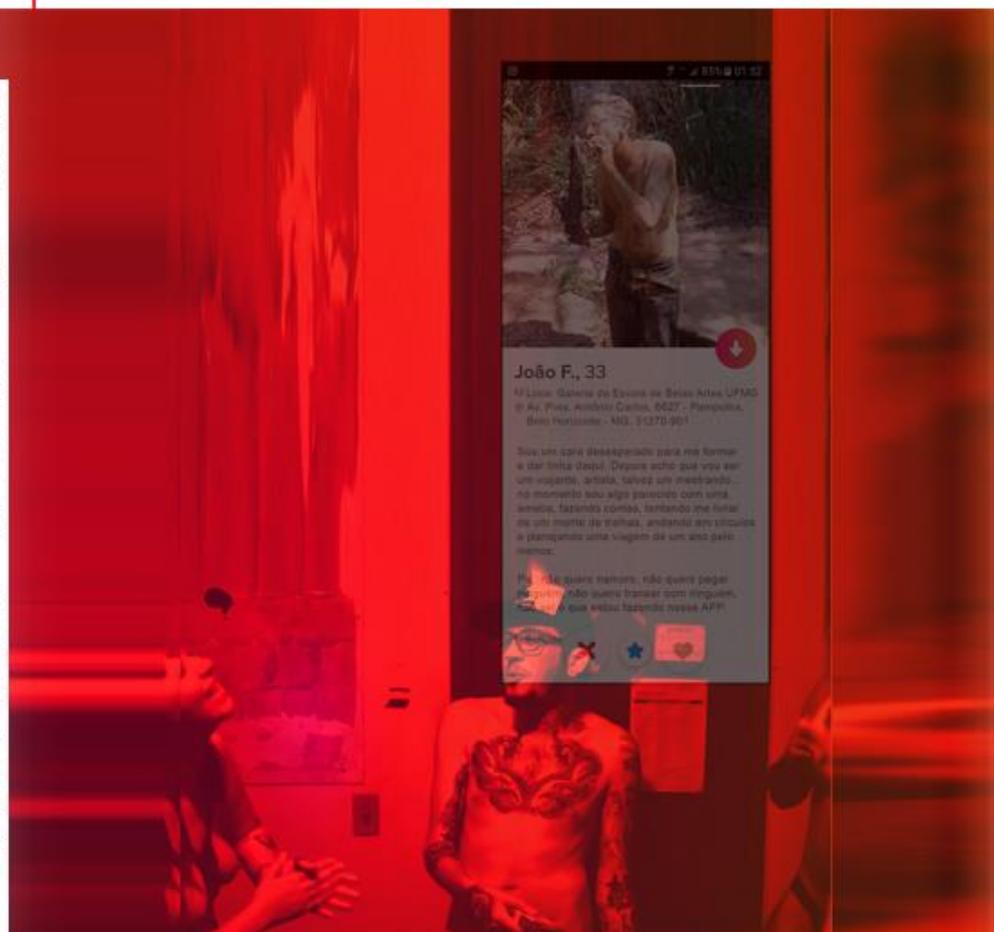
Em minha trajetória, produzi uma variada gama de trabalhos. Minhas investigações se deram principalmente no campo pictórico, a princípio mais na área técnica que emocional, intelectual e conceitual, mas depois, analisando com cuidado, percebi que tudo estava interligado. O problema é que me interessei por muitas coisas ao mesmo tempo, pois sempre surgiam ideias novas que me despertavam uma curiosidade imensa e um desejo de investigar e experimentar.

Praticamente em cada semestre produzi trabalhos completamente diferentes do anterior, dentro e fora da faculdade. A vantagem é que criei um leque de possibilidades, por outro lado, é inegável que o mercado, os salões, as galerias, cobram do artista uma linha coerente de pesquisa e de produção, isto sim, foi uma verdadeira tortura para mim nos últimos anos.

Agora estou no meu último período, momento que percebemos estar aprisionados ao presente, não há tempo para arrependimentos nem espaço para ansiedade. Sem saída, tive de encarar a minha "salada de quadros" e resolver o que fazer com aquilo. Tive de eleger, descartar, limpar gavetas, fotografar, imprimir, ordenar e reordenar. Deparei-me com vários pedaços de mim, fragmentos da minha vida, ordenando estes fragmentos percebi que tudo fez sentido, estive no lugar certo, fazendo a coisa certa e tirando proveito dos recursos. Talvez minha exposição individual ainda se pareça mais com uma exposição coletiva, daquelas clandestinas no estilo "é só chegar e pendurar na parede, qualquer um pode participar", mas só essa confusão pode representar *Por onde caminhei*.

Estive na Universidade por 5 anos e meio, basicamente, iniciando projetos, interrompendo-os e dando início a outros. Aqui vivi momentos abastados, tive o privilégio de poder trabalhar com materiais caros e refinados, mas também aconteceram momentos de penúria, nos quais tive de me virar com o que tivesse, como fazer tinta à base de ovo e usar suportes artesanais; momentos gloriosos, nos quais parecia que qualquer coisa que eu fizesse agradaria e momentos de fracasso, em que eu não parecia ser nada; caí na armadilha de me sentir um "Deus" mas também desabei em lágrimas aos pés Dele, pressentindo minha indigência. Vivi o amor sem limites e a solidão de quem tem o coração petrificado. Tive mestres que me elogiaram, comparando-me a um alquimista, e mestres que me cobraram uma postura adulta pois já estava na hora de eu decidir o que eu quero para minha vida. Absorvi tudo com muito carinho, mas nunca esqueci aquele que me falou: "Parabéns João, você usa a arte a seu favor" pois, fosse como fosse, eu estava nos ateliês produzindo, seja introspectivo, me divertindo ou completamente abatido, tudo se transformava em um novo projeto.

João Ferreira



João Ferreira conta que desde os 19 anos costumava servir de cobaia para os amigos que iniciavam na arte da tatuagem, emprestando o seu corpo para experimentação do outro, que livremente rascunhava a sua pele. Ele conta também que a sua relação com a tatuagem sempre foi de grande impulsividade, o tempo entre uma ideia e a passagem ao ato sempre fôra muito curto.

Quem observa João percorrendo os corredores da Escola de Belas Artes sabe que sua pele guarda toda uma história de vida única, presentificada livremente por meio de manchas e traços. Seus braços, pescoço, pálpebra esquerda, mãos e pés tatuados em diferentes épocas e por distintas figuras imprimem uma multiplicidade de formas, que constitui a própria semântica da vida intensa do artista.

Intensa também é a sua relação com o trabalho. Vivendo cada projeto tal qual a ardência de um abraço de despedida, João permite que o outro escreva na sua vida-arte como forma de resistir à saudade e de lembrar.

Em um grupo de pinturas que o artista dedica a uma pessoa amada, percebemos em simultâneo delicadeza e fúria. É como se na ação de construção das obras, João se entregasse para o próprio dilema da despedida. Pinceladas que se sobrepõem a pequenos volumes e planos subsequentes, formando a figura de uma mulher, imagem que resiste ao esquecimento e à distância dada pelas extremidades de um oceano.

Por onde caminhei traça o caminho percorrido por João dentro e fora da universidade, percurso esse de desentendimentos e reconciliações com o próprio fazer e com um mundo. Não seria errado dizer que esse mundo é o mundo próprio de João, mas seria um grande erro supor que esse mundo seja impenetrável.

Uma exposição por si só transmuta-se no intento de compartilhar uma sabedoria própria de quem se abre. E aqui, na condição de amigo, me atrevo a dizer: quem se abre tem dentro de si o caos e a calma, o tempo e a falta dele, a vida e o seu contrário, a sanidade e a loucura. Resíduos mil, depositados pouco a pouco na pele de quem finaliza agora um trajeto e se prepara para uma nova viagem. Boa sorte, querido João.

Raylander Mártis,

Belo Horizonte, 07 de novembro de 2017.



Por onde caminhei?
Ou uma exposição sem futuro?

Marcos Hill

Nas conversas que tive com João Ferreira sobre a exposição, algo ficou claro: o desejo de recuperar visualmente uma trajetória. Quem viaja sabe que escolher destinos faz parte de decisões que sempre confrontam o viajante com suas próprias incertezas, quase como caminhar no escuro.

E, evocando trajetórias humanas tão marcantes como a do antigo herói Ulisses em sua saga de retorno a Ítaca, ilha de sua primeira origem, muitas metáforas servem para, aos poucos, se ter clareza sobre o que de extraordinário pode-se extrair das vivências oferecidas pelos trajetos.

Ferreira empenhou-se numa formação profissional peculiar: a do profissional da imagem. É possível que, desde o início, sua alma o tenha intuitivamente alertado para os inúmeros percalços a serem enfrentados nesse caminho. De todo modo, a escolha já havia sido feita!

Em sociedades como a nossa, ainda tão arraigada a valores materiais de ascensão e sucesso social, nunca será óbvia a regularidade desse tipo de percurso. O profissional da imagem com fortes aspirações artísticas não possui nenhuma garantia de mercado como profissionais de outras áreas, tais como a do Direito ou a da Medicina.

Nesse caso, há um esforço a mais a ser empreendido por aqueles que realmente não desistem após enfrentar suas primeiras tormentas. O destino almejado torna-se então a fonte, cuja idealização necessária deve sempre, e constantemente, alimentar o espírito que se lança, amedrontado e, ao mesmo tempo destemido, a aventuras que não oferecem garantias prévias.

É o que o visitante de "Por onde caminhei" pode encontrar, se sua curiosidade o quiser conduzir nessa direção. Trata-se da primeira exposição individual de João Ferreira que, no momento da conclusão do seu bacharelado em Pintura, na Escola de Belas Artes da UFMG, sentiu a necessidade de mapear imageticamente o caminho percorrido.

São 42 trabalhos, expressos nos mais variados suportes e técnicas. A própria configuração museográfica indica o desejo de compartilhar investigações, divergências e motivações a partir de um critério quase cartográfico. Tudo configura um único trabalho, ou seja, todos os trabalhos constituem uma mesma narrativa, sem legendas.

Nessa cartografia mneumônica, o espaço físico está organizado por alas que permitirão visualizar pontos específicos da experiência formativa, trazendo ao destaque o desenvolvimento técnico alcançado e as metodologias absorvidas.

Como portos necessários a uma navegação por cabotagem, o visitante passará por assamblagens repletas de euforia, morbidez, narcisismo e outros transtornos experimentados. Daí alguma lição pode ser retirada sobre como desarmar armadilhas.

Na continuação deste fluxo, depois da tempestade, surge a leveza expressa através de imagens abstratas repletas de sentido místico, marcando o momento da súplica por proteção e do suspiro aliviado diante das superações alcançadas.

A exposição finaliza sua "rota" no encontro com o Amor, sempre disposto a estimular os espíritos no sentido das transmutações redentoras. Amor com direito a uma musa que, sem dúvida, ajudou o artista em seus processos de materialização dos seus próprios sentimentos.

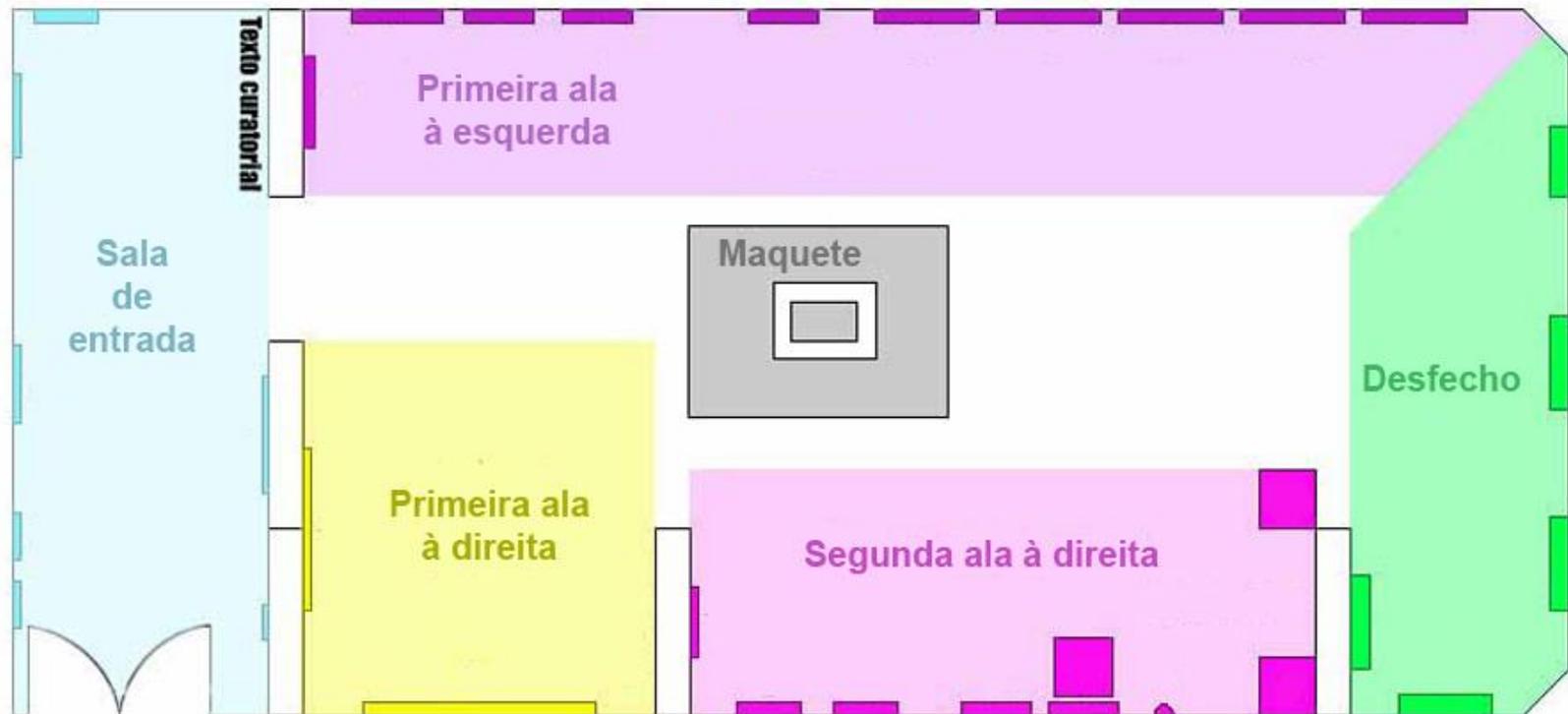
Diante da expressão de um romantismo contemporâneo, o visitante é ainda convidado a fruir um benéfico retorno à Natureza através de fotos que tornam-se enigmáticas, uma vez que se fazem acompanhar por frases escritas em idioma desconhecido.

O idioma é o basco. Mas isto pouco importa para uma melhor compreensão da trajetória que aqui se encerra. As duas frases afirmam que "Eu não tenho futuro" e que "Você não tem futuro".

No fim do caminho celebra-se o encontro com um enigma. Uma pedra fundamental? De quais futuros as afirmações tratam? A do profissional da imagem em processo de conclusão de sua formação? A do visitante que, por acaso e destino, sobreviveu, juntamente com o artista, ao final dessa caminhada? Para quem o futuro existe? A quem o futuro pertence?

Belo Horizonte, Novembro de 2017.

Mapa Expositivo





Sala de entrada

Este espaço significa uma pré-entrada à exposição de fato, nele se sintetiza o início do devir, haverá trabalhos de 1989, de quando possuía apenas 5 anos de idade, registros de intervenções e projetos não realizados, e uma breve dialética sobre as perspectivas de mutabilidade na minha principal área de atuação, a pintura.

“Coerência não é uma virtude, é uma característica vegetal que eu não possuo, felizmente.”

Rubem Fonseca



Casa da bruxa
Guache sobre tela
35 x 25 cm
1989



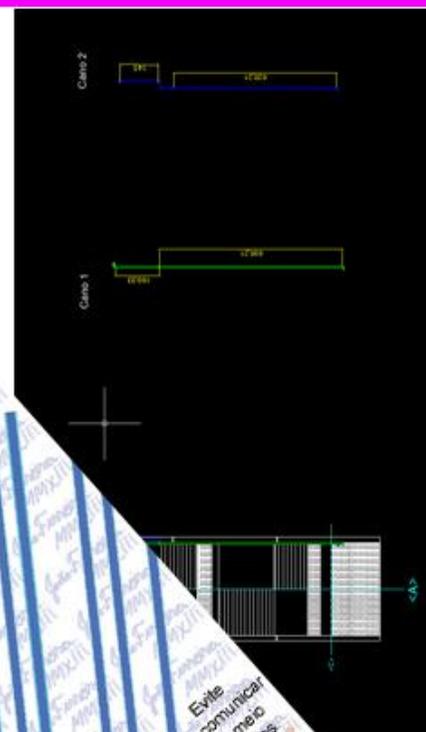
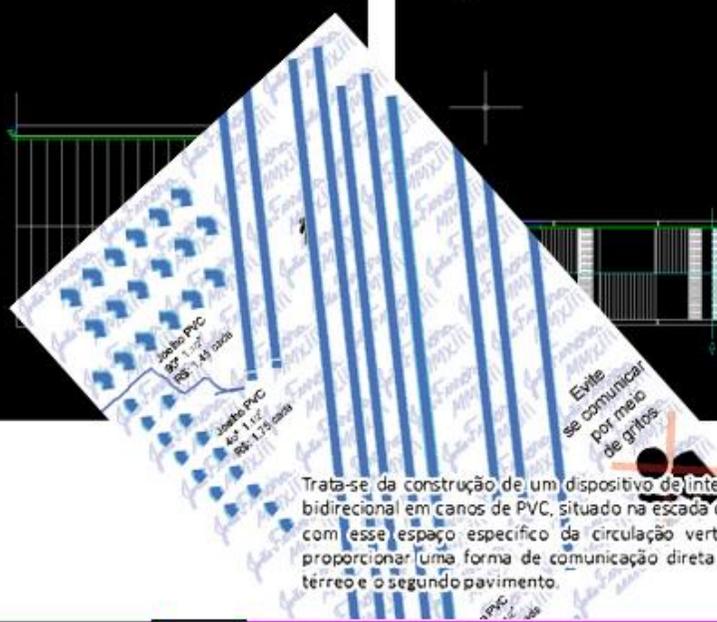
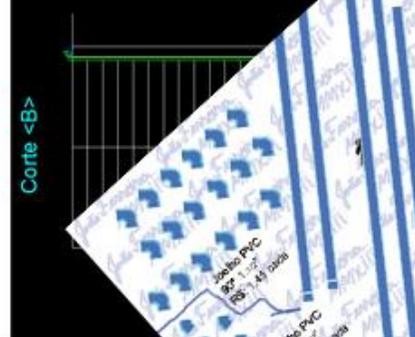
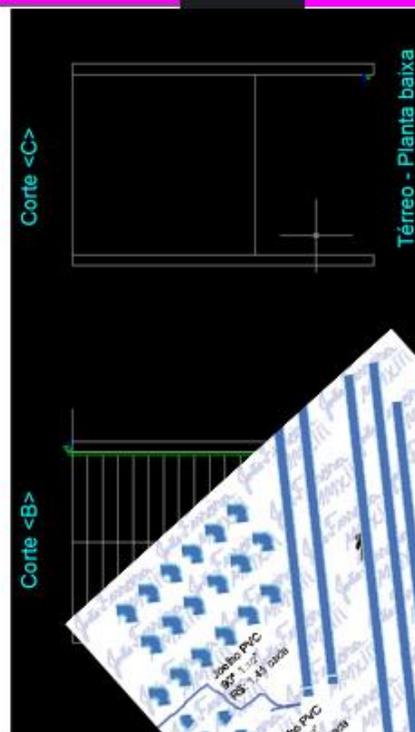
Pedacinho do céu
cola colorida sobre tela
25 x 20 cm
1989



Autorretrato
Óleo sobre morim
70 x 120 cm
2006

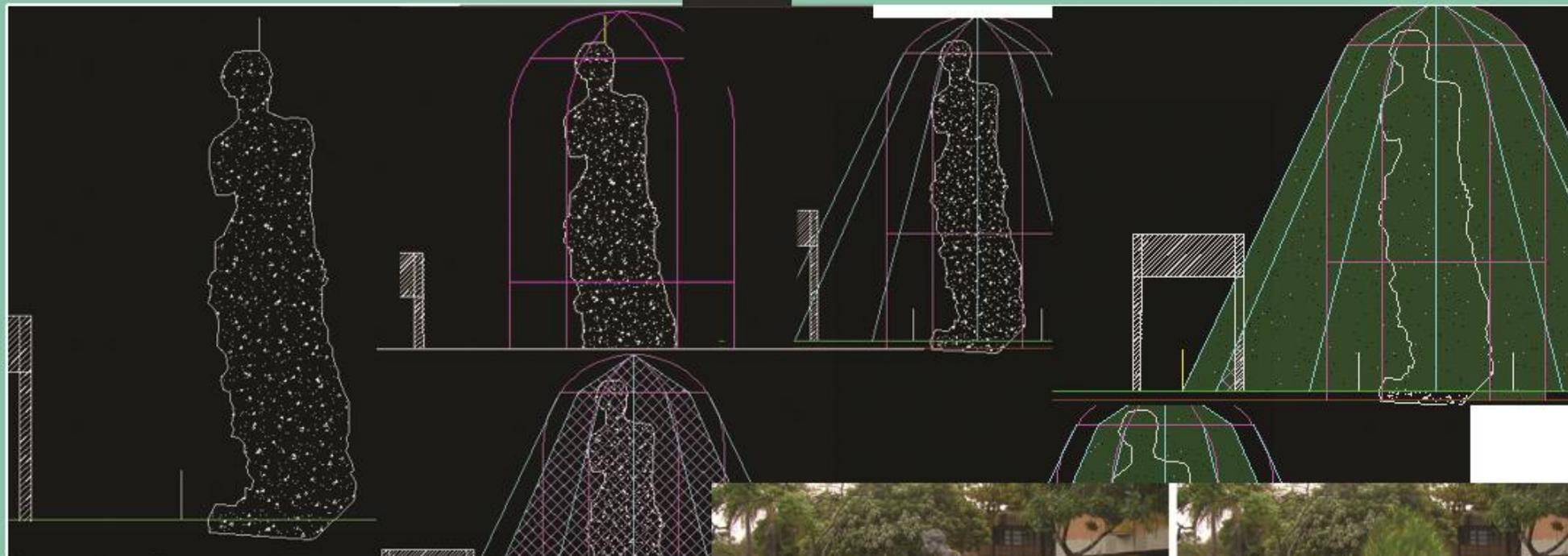


Gato ao Sol 2
Acrílica sobre tela
100 x 60 cm
2013



Intercomunicador - 2013

Trata-se da construção de um dispositivo de intercomunicação, por meio de uma espécie de "telefone" bidirecional em canos de PVC, situado na escada da EBA. Este é eminentemente um trabalho de interação com esse espaço específico da circulação vertical do prédio central da EBA, com a finalidade de proporcionar uma forma de comunicação direta que interliga dois andares da Escola de Belas Artes, o térreo e o segundo pavimento.



Contexto: Este projeto de intervenção foi elaborado por mim quando estava no segundo período da faculdade, ele seria uma resposta a um boato que corria pelo prédio da EBA, de que o reitor da época teria dito publicamente “eu não sei para que serve a arte”. Honestamente, nunca soube se isso foi dito ou não, mas a minha intenção era cobrir todas as obras de arte existentes pelo campus, começando por cobrir a réplica da Vênus com grama. A intervenção nunca foi executada.





Primeira ala à direita

Esta área, apesar de ser a menor, tem o desejo de se mostrar convidativa devido ao modelo de realidade elaborado, se trata de uma fase de conceitos mais racionais e sistemáticos, majoritariamente voltado para as questões práticas e operacionais. Visa uma narrativa onde o objetivo é projetar ordem onde havia caos. Este pequeno espaço possui característica de domínio e rigor técnico.

“Enquanto eu não tiver aprendido a diferenciar com mais segurança o acidental do necessário, o que hei de exigir de minha pena a não ser a exatidão e o rigor?”

André Gide



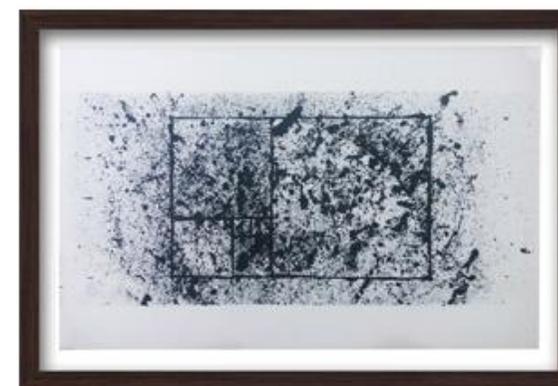
Sem título
Xilogravura
30 x 20 cm
2013



Sem título
Serigrafia
58 x 43 cm
2014



Sem título
Fotografia
18 x 24 cm
2006

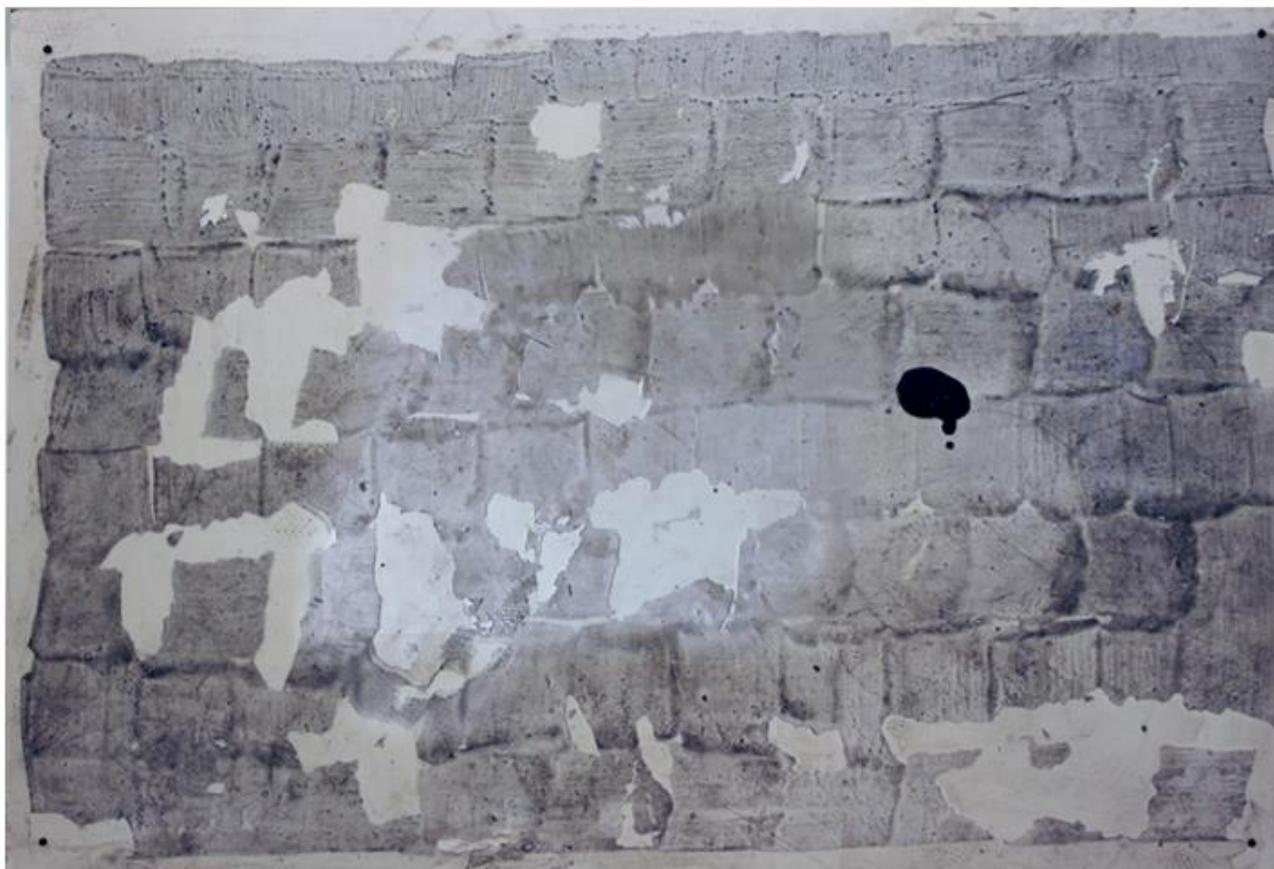


Sem título
Litografia
48 x 30 cm
2014



Sem título
Acrílica sobre tela
200 x 100 cm
2017





Sem título
Têmpera, poeira, gesso e
fórmica sobre mdf
140 x 90 cm
2015



Segunda ala à direita

É difícil falar dessa fase; nela, minha produção se mostra muito mais voltada para o saber empírico, vulgar e acrítico. O mundo parecia um lugar insuportável nesta época. Meu ateliê, e por que não chamá-lo de refúgio, era um laboratório cheio de cadáveres, onde eu tinha paz e distância das outras pessoas do meio acadêmico. Entretanto, não me sentia infeliz, verdade seja dita, passei a maior parte do meu tempo alcoolizado ou de ressaca, me sentia indestrutível. No ateliê da nossa querida Escola de Belas Artes, o melhor trabalho que representa este período foi um que fiz limpando minha mesa, que sempre estava um caos, colando os resíduos preguiçosamente numa tela. Pouco me resta na memória das coisas que aconteceram neste estágio, sei que não zelei pela minha saúde, nem pelas minhas amizades, nem pelos meus laços afetivos, nem pelo meu intelecto. Uma proposição de extrema alienação emocional, onde eu jamais saberia que este pecado seria a minha maior penitência.

“É um erro sempre contemplar o bom e ignorar o ruim, porque fazendo isso os povos negligenciam os desastres. Há um otimismo perigoso do ignorante e do indiferente.”

Helen Keller



Sem título
Assamblagem
60 x 100 cm
2015



Dois corpos que discutiam pela razão
Assamblagem
Díptico - 50 x 60 cm cada
2014



38



Sem título
Díptico, máscaras mortuárias em gesso, escultura em resina
200 x 150 cm aproximadamente
2015

39



Desespero
Cerâmica
24 x 22 x 21 cm
2016

Libido
Cerâmica
25 x 35 x 45 cm
2016





“Não pinto para me divertir, a alegria que encontro em pintar é superior à alegria que encontro em viver, de resto, uma não exclui a outra”

Autor desconhecido

Primeira ala à esquerda

Existe aquele exato momento em que se percebe o coração completamente petrificado. Em tese, neste momento, seu espírito está morto. Você sente que a energia acabou, foi usada em excesso, e boa parte desperdiçada. Paralisado, morrendo por dentro. Cada passo pesava e parecia que um pedaço ficava para trás, e logo não restaria mais nada. O chão não existia, a droga já não fazia efeito, sentia escorrer pelos meus dedos tudo o que antes cativara. Solidão, impotência, desânimo, culpa, não me sentia atraído nem para uma assombração. Não possuía forças, tampouco concentração, o trabalho tinha de ser simples, e muito lento. As coisas perdidas se recuperam com paciência e dedicação. Meu corpo não tardou a se recuperar, porém a dor e o vazio consumiam todo o meu ser. Neste momento, só existia um remédio: ajoelhar, implorar a Deus que não me abandonasse, que me fizesse sentir sua presença, nem que fosse por um segundo; eu precisava resolver problemas com os quais não sabia lidar, nem onde se encontravam. Eu precisava que Ele estivesse por perto, comigo.

Nesta ala há duas séries de cinco pinturas cada: uma mais matérica, orgânica e repleta de reações químicas, totalmente dedicada ao corpo. A outra, mais leve e silenciosa, na qual faço uso da geometria para representar os cinco livros sagrados escritos por Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômios. Entre as duas, um exercício, que indica a transubstanciação do corpo e do espírito.

Tapetum
Aquarela e solução de NaOH
sobre papel
76 x 58 cm
2015



Vesícula
Aquarela e solução salina
sobre papel
76 x 58 cm
2015



44



Córtex frontal
Aquarela, solução de NaOH e ácido acético sobre papel
76 x 58 cm
2015

45



Canal medular
Aquarela e óleo sobre papel
76 x 58 cm
2015



Nervo óptico
Aquarela, gelatina e solução salina
sobre papel
76 x 58 cm
2015

46



Transsubstanciação
Encáustica e pedras de jardim sobre MDF
60 x 55 cm
2014

47



48

49

Génesis
Têmpera ovo sobre esteira de palha de arroz
90 x 130 cm
2016



Êxodo
Levítico
Números
Deuteronômios
Têmpera ovo sobre esteira de palha de arroz
90 x 130 cm
2016



52

53

Desfecho

Neste espaço, finalizando, o que dizer? Esta ala possui nome e sobrenome: Maddi Saray Martireña Barguilla, uma basca de pulso firme, enigmática, silenciosa e com um gênio tão forte quanto sua presença. Ela, sem dúvida, surgiu em minha vida como um milagre. Seu amor me curou a solidão, sua companhia se fez presente em momentos difíceis, e nos metemos em aventuras que jamais esquecerei. Desfrutei da sua companhia por quatro meses, até que chegou a hora de sua partida. Se ainda somos um casal, isto para mim não tem a menor importância, eu a amei. Essa mulher deixou em mim uma marca. Após sua partida, eu só sabia pintar Maddi. Aos poucos fui recuperando minha autonomia, minha autoestima, minha leveza, minha capacidade de me relacionar melhor com os outros, tudo isso devo a uma resposta simples que obtive dela. Perguntei-lhe o que ela faria depois, já que estava prestes a se formar, e ela respondeu “eu não tenho futuro” (Ez dut etorkizunaik). Neste momento senti minha armadura soltar-se do meu corpo, até minha pele pareceu ser trocada; a vida ganhou um novo sentido. Eu também não possuo futuro, o futuro não existe, portanto, vamos celebrar o Agora!

“Sem paixão não dá nem para chupar um picolé.”
Nelson Rodrigues



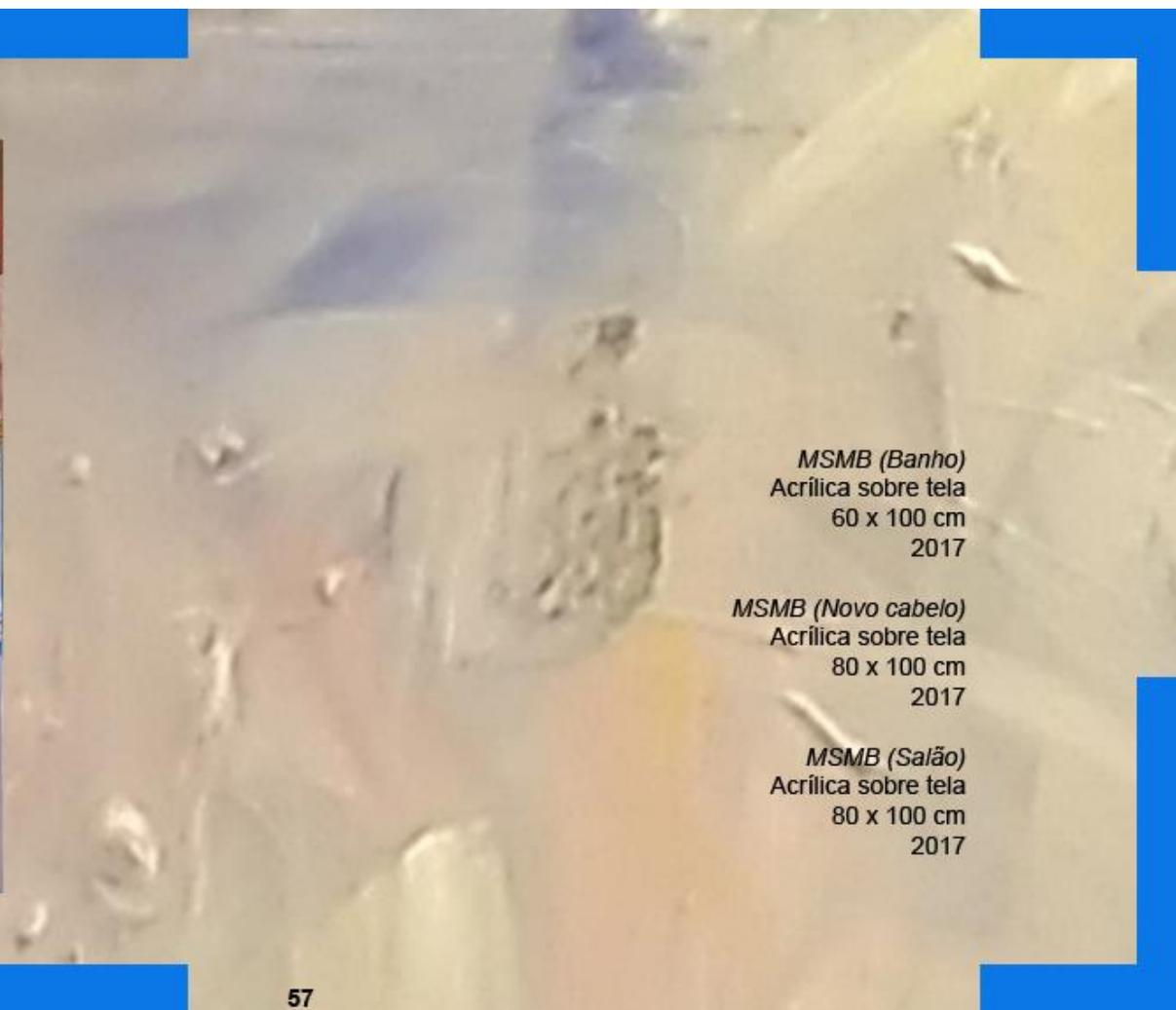
54



55



56



MSMB (Banho)
Acrílica sobre tela
60 x 100 cm
2017

MSMB (Novo cabelo)
Acrílica sobre tela
80 x 100 cm
2017

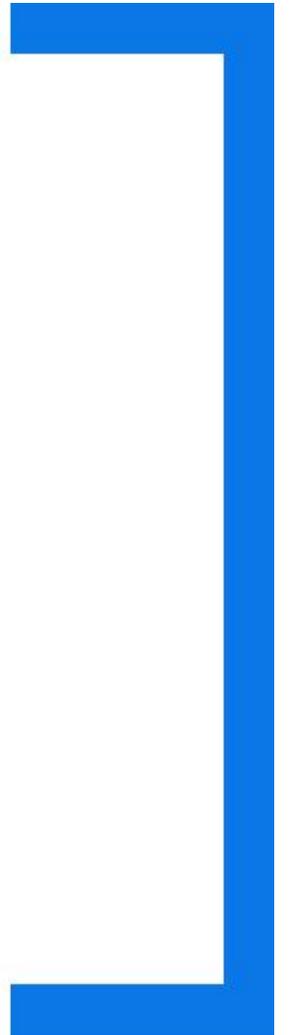
MSMB (Salão)
Acrílica sobre tela
80 x 100 cm
2017

57



58

59





60

61

Ez Dut

Etorkizunarik

Ez Duzu

Etorkizunarik

Conclusão

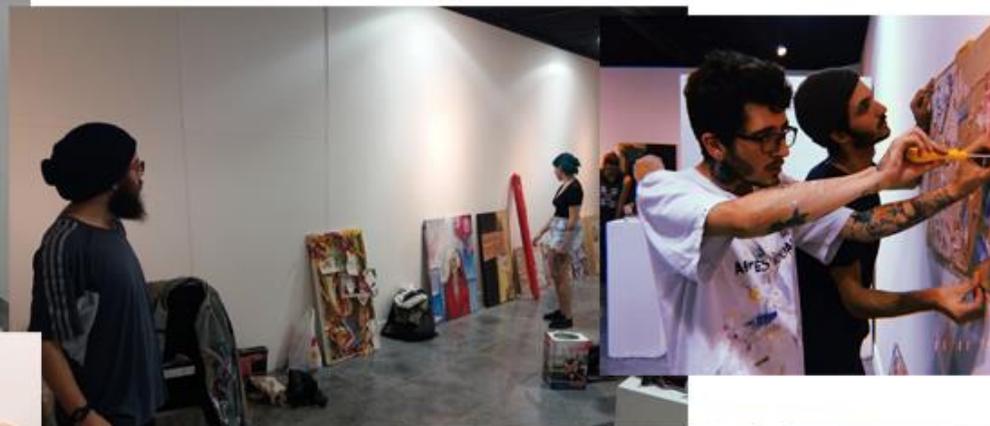
Meu objetivo é salientar a importância da trajetória de um artista em formação, suas investigações, suas divergências, suas motivações, sem maiores expectativas, a não ser a da sinceridade e sensibilidade. No entanto, há um agente ao qual gostaria de atribuir maior urgência: o trabalho como ferramenta de resgate e aprimoramento da autoestima. Porque vivemos uma época turbulenta e, às vezes, nos esquecemos até de como se respira, porque há ocasiões em que nos sentimos sozinhos ou abandonados. A dor do desgaste é bem corriqueira e qualquer sinal de novidade parece que gera uma explosão de vaidades.

Também nos esquecemos de que todos possuímos uma trajetória. Sem analisá-la, temos a impressão de que ela não faz o menor sentido. E foi isso que me motivou a reduzir o passo, tratar com carinho o que produzi durante minha vida, desde a infância até agora, tentando buscar algum sentido nisso.

Classificar, ordenar, agrupar, pequenos gestos que deram sentido ao meu trabalho e viabilizaram esta exposição, e, sem dúvida, serviu para que o caminho adiante se tornasse mais iluminado. Espero sinceramente ter contribuído para algo, e também que a mensagem de que **não estamos sozinhos** tenha atingido o coração de cada pessoa com quem pude compartilhar um pouquinho do meu mundo.

Muito obrigado.

64



65

Currículo

Exposições Coletivas:

- **Olhares – Um encontro com a poética fotográfica II** – Espaço F, Escola de belas Artes, 2016;
- **Aeroplanos I** – Reitoria da UFMG – Belo Horizonte, 2015;
- **Deriva 8** – Centro Cultural da UFMG – Belo Horizonte, 2014;
- **2º Salão de Outono da América Latina** – Fundação Memorial da América Latina – São Paulo, 2014;
- **Mostra! Escola de Belas Artes – Belo Horizonte, 2013;**
- **O que eu vejo? O que eles veem?** Tema: Ciência e Arte – Belo Horizonte, 2013;
- **Sala das Sensações** – Semana da Luta Antimanicomial UnB – Brasília, 2013;
- **Prêmio SESC de Pintura em Tela Cândido Portinari** – Brasília, 2012;
- **Salão Internacional de Arte O Brasil em Portugal** – Porto, 2012. (Menção Honrosa);
- **Foire International d' Art Contemporain Carrousel du Louvre** – Paris, 2011;
- **Leilão de Arte Beneficente ABRAÇO** – Belo Horizonte, 2011;
- **X Edição do Anuário Brasileiro de Artes Plásticas Consulte.** Editora Roma – São Paulo, 2011;
- Painelista na **Primeira Feira de Tecnologias Limpas e Atitudes Verdes.** Sede da Imprensa Nacional – Brasília, 2009;
- **Expo 21 – Luz Cor Emoção,** Pátio Brasil Shopping – Brasília, 1999.

Trabalhos Paralelos:

- Elaboração da capa do disco *Lovanizer Project* em aquarela para DJ Dabox – Bélgica, 2012.
- Técnico em cenografia no evento *Festival de Cenas Curtas Curtíssimas.* Teatro Dulcina de Moraes. Elaboração, pintura e instalação – Brasília, 2010.
- Técnico em cenografia na gravação do DVD *Natiruts Reggae Power ao Vivo.* Credcard Hall. Pintura – São Paulo, 2008.
- Técnico em cenografia no espetáculo infantil *Aquaman.* Elaboração e pintura – Uberlândia, 2007.
- Técnico em cenografia no evento *O Rappa e Rave.* Pintura e montagem – Brasília, 2006.

Formação:

- Informática Aplicada ao Desenho Técnico. SENAC. Belo Horizonte, 2012.
- AutoCAD 2D - 2010. SENAC. Belo Horizonte, 2012.

João Ferreira, 1984, brasileiro, nascido em Brasília, reside em Belo Horizonte. Estuda na Escola de Belas Artes – UFMG desde 2012, habilitação em Pintura.
Rua Pérsio Babo de Resende 262 ap.: 03 Ouro Preto.

31310-560 Belo Horizonte - MG
joaoferreiraart@gmail.com
www.joaoferreiraart.blogspot.com.br
(31) 99236-3774

